

Lucas 15:11-32

O VERDADEIRO IRMÃO MAIS VELHO

“Meu filho, tudo o que tenho é seu”

De que precisamos

Do que precisamos para nos livrar das algemas de nossa própria perdição, seja ela assemelhada à do irmão mais novo ou à do irmão mais velho?

Como a dinâmica interna do coração pode ser mudada da ira e do medo para a alegria, o amor e a gratidão?

A primeira coisa de que precisamos é o amor acolhedor de Deus. Note como o pai vai ao encontro de ambos os filhos e expressa o amor por eles, para convencê-los a participar do banquete. Ele não espera pelo filho mais novo no portão de casa, impaciente, batendo os pés e murmurando: “Lá vem aquele meu filho. Depois de tudo o que fez, é bom que ele se humilhe bastante!” Não há nem sequer insinuações a tal atitude. Não, ele corre e o beija antes mesmo que o filho se ponha a confessar. Não é o arrependimento que causa o amor do pai, mas o contrário. A afeição gratuita do pai torna a expressão do remorso do filho ainda mais fácil.

O pai também procura o filho mais velho irado e ressentido, suplicando que ele participe do banquete. Esse retrato é uma faca de dois gumes. Mostra que mesmo as pessoas mais religiosas e moralistas precisam da graça aconchegante de Deus, pois estão perdidas; e mostra que há esperança, sim, mesmo para os fariseus.

Essa última súplica do pai é bastante surpreendente quando nos lembramos do público para quem Jesus falava. Ele se dirigia aos líderes religiosos que o iriam entregar às autoridades romanas para ser executado. No entanto, em nossa história, o filho mais velho não recebe uma repreensão dura, mas uma súplica amorosa para deixar a raiva e o farisaísmo. Jesus apresenta um novo conceito de amor de seus piores inimigos.

Ele não é farisaico com os fariseus; ele não é orgulhoso com os orgulhosos.

Nem nós devemos ser. Ele ama não apenas as pessoas que vivem descontroladamente, as pessoas de espírito libertário, como também as pessoas religiosas de coração endurecido.

Jamais encontraremos Deus sem que ele nos procure primeiro, mas devemos lembrar que ele pode assim proceder de diferentes maneiras. Às vezes, Deus se lança de forma bastante dramática sobre nós, como faz com o filho mais novo, e acabamos obtendo um entendimento bem nítido de seu amor. Outras vezes, ele discute conosco de forma silenciosa e paciente, ainda que insistamos em dar as costas, como no caso do filho mais velho. Como você pode saber se ele está operando em você agora?

Se você começou a identificar sua perdição e se vê desejoso de escapar dela, é preciso que note que esse desejo não é algo que você gerou por conta própria. Tal processo necessita de ajuda e, se ele está ocorrendo, é um bom indicativo de que ele está, exatamente agora, ao seu lado.

Também aprendemos com a parábola que nosso arrependimento deve ser mais profundo que o mero pesar pelos pecados individuais. Quando o filho mais novo retorna, ele tem uma longa lista de transgressões pelas quais deve demonstrar seu remorso. Quando pensamos em arrependimento, costumamos pensar assim: “Para você quer ficar em paz com Deus, pegue sua lista de pecados e lhe conte o quanto você se arrepende de cada item dessa lista.”

O arrependimento não é menos que isso, mas também é muito mais, porque a estratégia da lista não é suficiente para escapar da condição do irmão mais velho.

O filho mais velho está perdido, ausente do banquete de amor do pai, e, no entanto, tem pouca coisa na sua lista de transgressões. Ele diz: “Nunca desobedeci às tuas ordens”, e o pai não o contradiz, que é o modo com o qual Jesus nos mostra que esse filho quase não tem falhas no que diz respeito às normas morais. Então, como uma pessoa que está perdida, mas que não tem nenhum pecado aparente em sua lista, pode ser salva? Preciso ser cuidadoso para evitar equívocos neste ponto. A parábola é uma grande metáfora para explicar o pecado e a salvação, mas não podemos levar todos os detalhes ao pé da letra. Nem Jesus nem qualquer autor da Bíblia jamais diz que algum ser humano é livre de falhas, sem qualquer pecado, exceto Jesus. Em vez disso, o argumento aqui é que se trata de distração quando nos concentramos apenas nas falhas de comportamento moral.

Quando os fariseus pecam, eles se sentem muito mal e se arrependem.

São capazes de punir a si próprios e de lamentar suas fraquezas.

No entanto, no fim das contas, continuam irmãos mais velhos.

O remorso e o arrependimento são uma parte do projeto de autossalvação.

O arrependimento farisaico não se aprofunda o suficiente para chegar ao cerne do problema. Qual era o problema? Era o orgulho por suas boas ações, e não o remorso por suas falhas, que impedia o filho mais velho de participar do banquete da salvação. O problema do filho mais velho era seu farisaísmo, o modo como ele usava seu histórico moral para colocar Deus e as outras pessoas em uma posição de dívida e para poder controlá-los, para que fizessem o que ele desejava. O problema espiritual dele era a insegurança radical que provinha de basear sua imagem pessoal no desempenho e nas conquistas, de modo que ele tinha sempre de sustentar seu senso de retidão com o desprezo aos outros e com o apontar das falhas alheias. A maior barreira entre os fariseus e Deus são “não os pecados, mas as condenáveis boas ações”.

O que precisamos fazer, então, para sermos salvos?

Para encontrar Deus precisamos nos arrepender das coisas que fizemos errado, mas se só fizer isso, é provável que você permaneça sendo um irmão mais velho.

Para verdadeiramente nos tornarmos cristãos, também precisamos nos arrepender das razões por que fazemos qualquer boa ação. Os fariseus se arrependem apenas de seus pecados, mas os cristãos também se arrependem do motivo que os leva à retidão.

Devemos aprender sobre o arrependimento do pecado que está sob todos os outros pecados e também sob a nossa retidão — o pecado de tentar ser o próprio Senhor e Salvador. Precisamos admitir que colocamos a verdadeira esperança e a verdadeira confiança em outras coisas que não Deus, e que tanto nas boas quanto nas más ações

tentamos nos aproximar de Deus ou controlá-lo para ter influência sobre o que desejamos.

É apenas quando você enxerga o desejo que tem de ser seu próprio Senhor e Salvador — que se esconde sob seus pecados e sob sua bondade moral — que você está prestes a compreender o evangelho e, de fato, a se tornar um cristão.

Quando você perceber que o antídoto para o mau comportamento não se trata apenas de ser bom, estará ainda mais perto.

Se continuar, conseguirá mudar tudo — sua relação com Deus, consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com seu trabalho, com seus pecados e com suas virtudes.

Esse fenômeno é chamado renascimento por ser bastante radical.

Isso tudo, entretanto, apenas nos deixa mais próximos da mensagem de Jesus, não nos leva ao centro dela. O processo nos ensina do que devemos nos afastar, não para o que, ou para quem, devemos nos voltar. Vimos que precisamos do amor acolhedor do pai e de um arrependimento profundo e com base no evangelho. Mas há mais uma coisa de que precisamos antes de entrarmos no banquete da salvação.

De quem precisamos? Os primeiros três versículos em Lucas 15 nos informam que Jesus contou não uma, mas três parábolas aos fariseus que reclamavam de sua confraternização com os pecadores.

A primeira parábola é chamada Parábola da ovelha perdida.

Um homem cuida de um rebanho de cem ovelhas, mas uma delas se desgarra.

Em vez de aceitar a perda, o pastor sai à busca até encontrar a ovelha perdida.

Depois, chama todos os vizinhos para que: “Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida” (versículo 3).

A segunda parábola é chamada Parábola da moeda perdida. Nesta história, uma mulher tem dez moedas de prata em sua casa e perde uma delas. Ela não se dá por vencida, mas “acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la” (versículo 8). Quando encontra a moeda, ela chama seus amigos e seus vizinhos, e diz: “Alegrem-se comigo, pois encontrei minha moeda perdida”.

A terceira parábola é a história que temos estudado, a parábola dos dois filhos perdidos. As semelhanças entre as três histórias são óbvias.

Em cada parábola, há algo perdido — a ovelha, a moeda, os filhos. Em todas, aquele que perdeu recupera o que estava longe. E cada uma das narrativas termina com uma nota de júbilo festivo e de celebração quando o objeto perdido é encontrado.

Não obstante, há uma diferença gritante entre a terceira parábola e as duas primeiras. Nas primeiras parábolas, a pessoa que perde “vai atrás” e busca diligentemente pelo objeto perdido.

A pessoa que busca não deixa que nada a distraia ou fique em seu caminho.

Quando chegamos à terceira história e ouvimos a lamúria do filho desgarrado, logo supomos que alguém irá partir em busca dele. Mas isso não acontece.

É surpreendente, e Jesus pretendia que assim fosse. Ao colocar as três parábolas juntas, ele convida os ouvintes atentos a se perguntarem: “Bem, quem vai partir em busca do filho perdido?” Jesus conhecia a Bíblia por completo, e sabia que ela conta, bem no início, uma outra história sobre um irmão mais velho e outro mais novo — Caim

e Abel. Nessa história, Deus diz ao rancoroso e orgulhoso irmão mais velho: “Você é o protetor de seu irmão.”

Há uma história verídica a respeito de um jovem soldado norte-americano desaparecido quando em ação na guerra do Vietnã. Quando a família do rapaz deixou de receber notícias dele pelos canais convencionais, o irmão mais velho partiu para o Vietnã e, arriscando a vida, procurou nas selvas e nos campos de batalha por seu irmão perdido. Dizem que apesar do perigo ele jamais sofrera qualquer arranhão, porque os dois lados haviam ouvido sobre sua dedicação e respeitavam sua procura. Alguns o chamavam, simplesmente, “o irmão”.

Pois é isto que o filho mais velho da parábola deveria ter feito; isto é o que um irmão mais velho verdadeiro teria feito. Ele teria perguntado: “Pai, meu irmão mais novo foi um tolo, e agora sua vida está em ruínas. Mas vou partir para procurá-lo, para trazê-lo de volta para casa. E mesmo que sua parte na herança tenha acabado — como imagino — vou trazê-lo para casa com meu próprio dinheiro.”

De fato, é apenas com a ajuda do irmão mais velho que o irmão mais novo consegue retornar. Porque, como disse Jesus, o pai dividira a herança entre eles antes de o filho mais novo partir. Tudo havia sido distribuído. O filho mais novo havia recebido seu um terço, e havia gastado tudo. Assim, quando o pai diz para o filho mais velho: “Meu filho, tudo o que tenho é seu”, está falando literalmente a verdade. Cada centavo que continuou com a família pertencia agora ao filho mais velho. Cada roupa, cada anel, cada novilho gordo era seu por direito.

Ao longo dos anos, muitos foram os leitores que chegaram à conclusão superficial de que a readmissão do filho mais novo não envolveu qualquer sacrifício expiatório, que ela não teve custo algum.

Tais leitores apontam que o filho mais novo queria fazer uma restituição, mas que o pai não aceitou — a readmissão ao seio familiar era gratuita. Isso, dizem, mostra como o perdão e o amor devem sempre ser gratuitos e incondicionais.

Porém, esta é uma simplificação excessiva.

Quando alguém queima uma lâmpada que pertence a você, você pode pedir que a pessoa pague por ela.

Uma alternativa seria perdoá-la e pagar você mesmo (ou optar por topiar com os móveis no escuro).

Imagine agora uma situação mais grave, uma hipótese em que alguém fere gravemente sua reputação.

Novamente, você tem duas opções. Pode pedir que a pessoa pague por isso ao exigir que ela procure as pessoas e critique e arruíne a própria reputação como forma de restaurar a sua reputação. Ou você pode perdoar, assumindo a tarefa penosa de esclarecer tudo sem tornar a pessoa um vilão. O perdão é livre e incondicional para o criminoso, mas tem um grande custo para você.

A misericórdia e o perdão devem ser gratuitos, e não merecidos, pelo transgressor. Se o transgressor tem de fazer algo para merecê-los, então não se trata de perdão. O perdão sempre tem um custo para a pessoa que o concede.

Apesar de o primeiro ato da parábola ter nos mostrado a gratuidade do perdão do pai, o segundo ato nos dá um vislumbre de seu custo.

A readmissão do filho mais novo não teve custo algum para ele, mas custos enormes para o filho mais velho. O pai não poderia apenas perdoar o filho mais novo, alguém tinha de pagar! O pai não conseguiria readmitir o filho mais novo a não ser às custas do filho mais velho.

Não havia outra saída. Mas Jesus não retrata um irmão mais velho verdadeiro na parábola, um irmão que esteja disposto a pagar qualquer preço para buscar e salvar aquele que está perdido. É doloroso.

Em vez de um irmão, o filho mais novo tem antes um fariseu ao seu lado.

Mas nós não temos.

Ao retratar o filho mais velho como errado na história, Jesus nos convida a imaginar e a ansiar por um irmão verdadeiro.

E, este sim, nós temos. Pense no tipo de irmão de que precisamos. Precisamos de um irmão que vá não apenas ao país vizinho em nossa busca, mas de um que percorra tudo entre o céu e a terra por nós.

Precisamos de um irmão que se disponha a pagar não uma soma limitada de dinheiro, mas que, a um custo infinito, nos devolva à família de Deus, já que nossa dívida é incalculável. Seja como irmãos mais velhos, seja como irmãos mais novos, nós nos rebelamos contra o pai. Merecemos a alienação, o isolamento e a rejeição. O argumento da parábola é que o perdão sempre envolve algum custo — alguém tem de pagar.

Não havia meio que fizesse com que o filho mais novo retornasse à família, a menos que o mais velho assumisse tais custos. Nosso verdadeiro irmão mais velho assumiu e pagou nossa dívida, na cruz, em nosso lugar.

Lá, Jesus ficou nu de suas roupas e de sua dignidade, para que pudéssemos ser cobertos com a dignidade e a importância que não merecemos.

Na cruz, Jesus foi tratado como um pária para que pudéssemos ser admitidos na família de Deus, de forma livre, por meio da graça.

Lá, Jesus bebeu do cálice da justiça eterna para que pudéssemos beber do cálice da alegria do pai. Não havia outra maneira de o pai celestial nos trazer para dentro, a não ser às custas de nosso verdadeiro irmão mais velho.

Como os trabalhos internos do coração podem ter sua dinâmica transformada, do medo e da raiva para o amor, para a alegria e para a gratidão?

Eis como. Você precisa ser tocado por um vislumbre do custo necessário para sua admissão. A principal diferença entre um fariseu e alguém que crê em Jesus é a motivação interior. Os fariseus são bons, mas por conta de uma necessidade temerosa de controlar Deus. Eles não confiam nele nem o amam de verdade.

Para eles, Deus é um chefe severo, não um pai amoroso.

Os cristãos veem algo que leva seus corações em direção a Deus, de modo que podem finalmente amar e descansar no Pai.

Jesus Cristo, que tinha todos os poderes do mundo, nos viu escravizados pelas mesmas coisas que pensávamos que iriam nos libertar. Assim, ele se esvaziou de toda a glória e se fez servo (Filipenses 2).

Ele deixou de lado a infinitude e a imensidão de seu ser e, às custas de sua própria vida, pagou a dívida por nossos pecados, nos comprando o único lugar em que o coração encontra sossego: a casa de seu Pai.

A compreensão dessa ação serve para nos transformar de fora para dentro.

Por que você não iria querer se oferecer a alguém assim? O amor altruísta destrói a desconfiança de nossos corações em relação a Deus que nos torna tanto irmãos mais novos quanto irmãos mais velhos.

John Newton, autor do hino “Amazing Grace”, escreveu outro hino que resume isso muito bem:

Prazer e dever, antes opostos, depois de vista a graça agora unidos, sempre.

Em poucas palavras, Newton consegue expressar nosso dilema.

A escolha diante de nós parece ser: ou o afastamento de Deus para perseguir os desejos do coração, como fez o filho mais novo, ou a repressão dos desejos e a submissão aos deveres morais, como fez o filho mais velho. Mas o amor sacrificial e custoso de Jesus na cruz muda tudo isso. Quando percebemos a beleza de tudo que ele fez por nós, nosso coração acaba atraído por ele.

Percebemos que o amor, que a grandeza, que o consolo e a honra que sempre buscamos nas outras coisas estão bem aqui.

Tamanha beleza também elimina o medo. Se o Senhor do Universo nos amou o suficiente para suportar tudo aquilo por nós, o que haverá para temermos?

Quanto mais “virmos sua beleza”, mais seremos libertos do medo e da necessidade de ser tanto irmãos mais novos quanto irmãos mais velhos.

Um amigo de John Newton, o poeta William Cowper, trata essa ideia com outro hino:

Ver a Lei de Cristo cumprida, e ouvir sua voz clemente, transforma escravos em crianças e o dever em mera escolha.

Jamais deixaremos de ser irmãos mais novos ou irmãos mais velhos enquanto não reconhecermos nossas necessidades, enquanto não descansarmos pela fé e enquanto não admirarmos a obra de nosso verdadeiro irmão mais velho, Jesus Cristo.